**A INCLUSÃO DIGITAL E QUALIDADE DE VIDA:**

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE IDOSOS PARTICIPANTES DA EDUCA**

**Rouseane da Silva Paula Queiroz**

**Professora Adjunta IV**

**Coordenadora Pedagógica da EdUCA – Escola de Extensão**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**

[**rouseane.paula@gmail.com**](mailto:rouseane.paula@gmail.com)

O presente trabalho surgiu no contexto do Programa Permanente de Cursos Abertos (PPCA) desenvolvido pela EdUCA – Escola de Extensão da UERN, localizada no campus avançado de Natal. Objetivamos mapear que são os idosos participantes do curso de Inclusão Digital oferecidos, suas motivações e repercussões destes conhecimentos, para sua qualidade de vida. Para realização da pesquisa assumimos como fundamentos a teoria das Representações Sociais de Moscovici e na teoria do Núcleo Central desenvolvida por Abric (2000), bem como, nos estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2013; ELIAS, 2001; PEIXOTO, 2005, BOSI, 2002) e nas discussões sobre inclusão digital (PRETTO, 2011). Do ponto de vista metodológico, utilizamos a Técnica de Associação de Palavras (TALP), as entrevistas semiestruturadas, o diário de campo, bem como a análise categorial de conteúdo do discurso. No momento, estamos na etapa de sistematização do perfil e análise das entrevistas semiestruturadas. Ser velho, assim como ser jovem, semelhante a outras condições humanas está diretamente associado à condição social a que pertenço. Para assim, reconhecer a objetividade nas subjetividades, saber que as significações servem para orientar os comportamentos e práticas individuais e coletivas, e isso constitui uma característica intrínseca das representações sociais. A EdUCA, através da Inclusão Digital, consolida um dos papéis da Universidade que é a inclusão social. Essa é a vocação, por excelência, da Extensão Universitária.

O ambiente digital e seu contínuo avanço tecnológico impactou diretamente na forma de comunicação da sociedade. As pessoas tiveram que se adaptar as novas formas de criação, recepção e divulgação de informações, a velocidade dessas aumentou com poder de alcance da Rede Mundial de Computadores. As relações sociais foram afetadas pelas novas tecnologias e sua velocidade, as mudanças se apresentaram em diversas áreas, tais como: o campo de trabalho, onde se exigiu dos funcionários novos saberes; e os relacionamentos, os quais puderam ser ampliados devido à “quebra” da distância entre os indivíduos e, paradoxalmente, o distanciamento entre aqueles que compartilham o mesmo espaço físico, mas não dominam tais recursos tecnológicos.

No entanto, nem todas as pessoas conseguiram se inserir nesse novo universo, seja por falta de condição material, por falta de capital cultural, em outras palavras, a falta de acesso ao conhecimento necessário para utilizar esses dispositivos de forma produtiva. Esse cenário resultou em uma parte da população “desconectada”, pessoas que não usufruem das benesses proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

Neste cenário de fortes mudanças nas relações sociais nosso foco investigativo é a pessoa idosa, essa muitas vezes sofre uma dupla exclusão, seja pela condição biológica do envelhecimento, seja por não dominar tais recursos tecnológicos.

Apesar da legislação materializar essa preocupação e necessidade de inclusão social, há mais de uma década, através do Estatuto do Idoso (2003), em seu artigo 21, a saber:

O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1o – Os cursos especiais **para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna**.

Neste contexto, as pessoas pertencentes às camadas populares, são duplamente excluídas, são adultos, em processo de envelhecimento, que estão à margem da sociedade que não tiveram acesso aos bens culturais e simbólicos, ao longo das suas vidas, durante o período laboral, e atualmente compõem uma parcela da população que aumentou expressivamente, nas últimas duas décadas: os idosos.

No século XXI, com o estabelecimento da sociedade informacional, os estudiosos definiram dois tipos de inclusão digital: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. Nas metrópoles contemporâneas, vimos acontecer com a chegada dos caixas eletrônicos nos bancos, com a necessidade de aprender a usar *smart cards* em ônibus, o envio de imposto de renda pela internet, votação eletrônica em eleições, o uso de SMS e outros serviços via celular. Já a inclusão induzida, segundo Lemos (2011), é aquela fruto de um trabalho educativo de políticas públicas que visam oportunizar a uma grande parcela da população excluída do uso e dos benefícios da sociedade da informação. É o que conhecemos por projetos de inclusão digital.

A investigação aqui ora apresentada tem o propósito de mapear os idosos que frequentam a Escola de Extensão – EdUCA e identificar quais suas motivações para buscar a Inclusão digital, e principalmente, como essa participação interfere na sua dinâmica e qualidade de vida sendo, portanto, um elemento para o envelhecimento ativo. Como anunciado, inicialmente, o processo de exclusão dos indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho: os aposentados é uma das motivações para esta investigação. Em específico, aqueles que se encontram na faixa etária de 45 a 65 anos, ou seja, na transição da condição de ser produtivo para ser improdutivo, dentro da lógica capitalista. A ONU divide os idosos em três categorias: os pré-idosos (entre 55 e 64 anos); os idosos jovens (entre 65 e 79 anos) e os idosos de idade avançada (com mais de 75 ou 80 anos).

**Qualidade de vida**

Segundo Neri (2017) estudos sistemáticos, assim como observações colhidas em grupos de idosos ou entre famílias revelam que a tendência às imagens negativas da velhice, associadas a enfermidades e ao declínio físico e mental irreversível, à perda da autonomia e ao aumento da dependência. O próprio idoso, ao internalizar as imagens negativas da velhice, pode se tornar dependente ou doente ou simplesmente assumir posturas ou desenvolver comportamentos considerados típicos de idosos.

O conceito de qualidade de vida está vinculado à autoestima pessoal que compreende alguns dos seguintes aspectos: a capacidade funcional, o nível sócio econômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado o suporte familiar, o estado de saúde, os valores culturais, éticos e religiosos, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive.

Para a OMS (2005), a definição de qualidade de vida é:

A percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente.

Trata-se de uma definição que contempla a saúde física e mental, as relações sociais, a satisfação do indivíduo no dia a dia. A qualidade de vida inclui qualquer estímulo que nos afeta direta e indiretamente, como o ar que se respira, os relacionamentos afetivos, alguns que podem ser mudados e outros não. Para melhorar alguns aspectos devemos desenvolver uma autoestima elevada e positiva, mudar o ritmo das tarefas a serem realizadas e definir objetivos que nos façam sentirmos bem e sobre controle de nossas vidas.

Como a qualidade de vida está ligada ao emocional, competir, criar, executar, planejar, comprar até mesmo se divertir faz com que muitas pessoas consigam se satisfizer e viverem bem. Concentrar a energia de nossos corpos em processos internos restabelece o equilíbrio do corpo, portanto praticar yoga, meditação entre outros relaxa a mente e propicia um estado de harmonia interna.

Outros fatores que devemos mudar para manter um estilo de vida saudável é melhorar a alimentação, que é o princípio básico da boa saúde; exercitar-se, o sedentarismo é um dos maiores fatores de risco para doenças e o estresse, é como nosso organismo reage a qualquer mudança na rotina. Portanto, para garantir uma boa qualidade de vida, deve-se cultivar hábitos saudáveis, cuidar bem do corpo, tanto da parte mental como física, ter uma alimentação equilibrada, relacionamentos saudáveis, ter tempo para o lazer e vários outros hábitos que façam o indivíduo se sentir bem.

A  inclusão digital para  idosos traz resultados de suma importância para esse segmento, no que diz respeito à qualidade de vida tais como: superação pessoal, obtida por meio dos esforços que esses fazem no decorrer da aprendizagem; o usufruto dos benefícios digitais; integração social por meio do acesso às redes de comunicação; as experiências pessoais e as ideias da terceira idade vinculadas ao contato com o computador, formam um recurso de inserção nos núcleos da família; e contribuem assim para reformulação das imagens depreciativas sobre o idoso.

**EdUCA – Escola de Extensão da UERN**

A EdUCA desempenha um papel fundamental para a inclusão social na zona norte, através da oferta dos cursos de extensão, são diversas as modalidades de ensino, desde a inclusão digital à prática de atividades físicas direcionada para esta faixa etária. Observamos que entre todos os alunos é crescente o número de pessoas idosas que envolvidas nas mais diversas atividades da EdUCA: Grupos de dança (Clássica, Contemporânea, Balé), Teclado, Violão, Iniciação Musical, Teatro, Ginástica Funcional, Musculação e, especialmente, nas aulas de Introdução à Informática.

Em nossa pesquisa, o recorte são as turmas de Inclusão Digital, afim de identificar quem são os idosos participantes dos cursos oferecidos, suas motivações e repercussões destes conhecimentos, para sua qualidade de vida. Para realização da pesquisa assumimos como fundamentos a teoria das Representações Sociais de Moscovici, bem como, nos estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2013; ELIAS, 2001; PEIXOTO, 2005, BOSI, 2002) e nas discussões sobre inclusão digital (PRETTO, 2011). Os dados do pré-teste foram tabulados e sistematizados, a fim de alcançarmos a estrutura representacional da Inclusão digital para os idosos, num momento posterior, faremos entrevistas com idosos participantes para elucidar outros aspectos qualitativos da representação, foram entrevistados, 22 sujeitos idosos e pré-idosos que colaboraram com a pesquisa.

A pesquisa em curso está sendo realizada nas turmas de Inclusão Digital, oferecidas pela EdUCA, quanto com os participantes do semestre 2018.1, na UERN – CAN (Campus Avançado de Natal), zona norte. No último semestre, contamos com 200 (duzentos) participantes nas turmas de Informática, no semestre vigente o total é de 231 (duzentos e trinta e um) matriculados distribuídos em 9 (nove) turmas, sendo 4 turmas de Informática Básica e 5 turmas de Informática Iniciação. Os sujeitos escolheram uma palavra para responder ao termo condutor “Informática é...?” e justificaram, abaixo apresentamos as primeiras impressões coletadas:

|  |  |
| --- | --- |
| **EVOCAÇÃO** | **JUSTIFICATIVA** |
| Comunicação (2) | Comunicação porque através dela tudo dá certo, quem se comunica se informa e sempre está atualizado de tudo que acontece. (53 anos) |
| Informação (9) | É muito importante na nossa vida, é tudo para uma vida moderna.  (43 anos)  A informação chega mais rápido.  (67 anos)  A informação que me leva a estudar informática (57 anos)  A mídia sempre estará conectada por todo o mundo com suas ferramentas (56 anos).  A informática é tudo que precisamos pra viver hoje em dia tem muito pra falar, só sei dizer que é tudo! (63 anos)  E um meio de conhecer através da Informática (47 anos) |
| Conhecimento (5) | Esta é a palavra que eu acho mais importante. (71 anos)  Conhecimento porque através do conhecimento nós temos mais oportunidades. (50 anos)  Através do conhecimento é que vamos ter oportunidades e desenvolvimentos (47 anos)  Porque com o conhecimento nós conseguimos ir além de qualquer fronteira (56 anos). |

Percebemos a partir das falas um movimento de busca, do sair de si, um movimento de superação ante os desafios apresentados socialmente. Estamos analisando, atualmente, o conteúdo do discurso das entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas com som e imagem, realizadas com sujeitos de uma das três turmas de Inclusão digital.

Nas reflexões sobre a temática sinalizamos alguns aspectos mencionados por Castells (2002):

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, não tem acesso à rede de computadores. Segundo, tem acesso ao sistema mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro, é estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma informação com outra e como a utilizar para a vida.

E endossados por Pretto (2011)

ao referir-se às políticas públicas para a inclusão digital, defende iniciativas que realizem a “inclusão de cidadãos, não como meros  
consumidores, seja de produtos ou de informações, mas como sujeitos plenos que participam do mundo contemporâneo enquanto seres éticos, autônomos e com poder de decisão”. Seria, portanto, necessário avaliar se a realização de cursos básicos de informática para a população de baixa renda, ação em geral bastante comum entre os diversos projetos de inclusão digital que proliferam no país, estariam contribuindo de alguma forma com a formação de sujeitos autônomos e participativos.

Neste sentido, não basta apenas ter acesso à máquina como meros consumidores, seja de produtos ou de informações, mas como sujeitos autônomos com poder de decisão. Consideramos, contudo, que há uma distância marcada pela desigualdade social, assim, as primeiras aproximações nos remetem a outras questões elucidativas: *É possível oferecer mais que o conhecimento técnico na Informática, de maneira a problematizar e contextualizar o conhecimento transmitido?* Para dessa forma, efetivamente, colaborar com a realidade social desses sujeitos.

Jodelet (2002) lembra que as Representações  
Sociais devem ser estudadas, pela articulação de elementos afetivos, mentais  
e sociais, e também pela integração da cognição, linguagem, no contexto das  
relações sociais que as abarcam. A autora sugere que, para tornar o conceito  
operacional e abarcar o conjunto de seus componentes, é preciso orientar-se  
por três perguntas: (*1) Quem sabe e a partir de onde sabe? (2) O que e como  
sabe? (3) Sobre o quê se sabe e com que efeitos?*  
Jodelet (2002) afirma que quem sabe, sabe de algum lugar, ou seja, age  
conforme um referencial de espaço e tempo, onde se demarca, portanto, a  
dimensão posicional. Assim, ao discorrer sobre a loucura e as representações  
sociais daqueles que convivem com essa patologia, numa província francesa, a  
pesquisadora inseriu-se no contexto da comunidade para conhecer as práticas  
utilizadas para se defender do que lhe era estranho e estabelecer um saber  
que reafirmava a sua sanidade, ao mesmo tempo em que atribuía um sentido à  
condição diferente do outro. (ARRUDA, 2002).

Representações sociais são sempre construídas por alguém em relação  
a um objeto e tal dinâmica está presente de forma plena no resultado  
representacional, endossa Jovchelovitchi (2008), pois afirma que a posição que  
os atores ocupam no processo representacional e como se engajam permite a  
comparação e a compreensão das subjetividades. Portanto, muitas vezes, as  
representações têm mais a ver com o sujeito que representa e menos com o  
objeto representado, exemplo de preponderância do “quem” sobre o “que” das  
representações.

Neste sentido, Jodelet em seu trabalho sobre a loucura revela que o  
controle cognitivo e psicológico das diversas formas do confronto com os  
doentes mentais é aprendido como técnica socialmente transmitida. No  
convívio dessa comunidade, a pesquisadora investiga o contato com a  
alteridade e suas diferentes modalidades situadas, na articulação do social e  
do individual. Em outras palavras, é preciso conhecer a posição social  
investigada para apreender que representam para apreender como seus  
códigos e práticas simbólicas interferem no processo de construção de suas  
representações. Por esta razão, vale destacar a assertiva de Bourdieu, na obra  
A Distinção (2007, p.164) ao afirmar que:

Cada condição é definida por suas propriedades intrínsecas e  
pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no  
sistema das condições, de posições diferenciais, ou seja, por  
tudo o que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular,  
de tudo o que lhe é posto: a identidade social define-se e  
afirma-se na diferença.

Há idosos aos 40 anos, desgastados físico e mentalmente, se considerarmos a labuta de certas atividades, mais primárias, como empregadas domésticas, agricultores, motoristas, balconistas, bem como há aposentados dinâmicos, saudáveis aos 70 ou 80 anos, ao considerarmos atividades mais relacionadas à produção intelectual. A condição material também definirá a qualidade de vida na velhice, afinal, a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável. O fato, por exemplo, de falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p.113).

**Considerações finais**

Suas trajetórias de vida abreviaram o envelhecimento, a qualidade de vida nesse aspecto pesa consideravelmente, envelhecer num cenário de desigualdade social tem suas peculiaridades. Em um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, o desmonte das conquistas trabalhistas, a habitação precária e tantas outras misérias, a velhice não entra na lista das ações políticas. Há um grupo denominado “terceira idade” que passa a assim ser expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. Essa noção mascara uma realidade social em que a heteregoneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 2003).

A grande preocupação do governo é com o aumento das despesas devido a pressão que o enorme grupo de idosos promove sobre os fundos de pensões e serviços de saúde. De maneira que muitas nações industrializadas passam a reformular os sistemas de seguridade social, aumentando a idade mínima para aposentadoria, elevando as contribuições dos trabalhadores à previdência e introduzindo o financiamento do setor privado. Estamos acompanhando esse movimento em nosso país.

O idoso é concebido como um problema, graças a construção social da velhice como um problema médico. Não se discute a importância de rever as concepções negativas da velhice resultantes do modelo biomédico, de compreendê-la como uma fase da vida onde há perdas, mas estão resguardadas possibilidades de desenvolvimento; que é possível envelhecer com saúde e qualidade de vida. (NERI, 2013).

Ser velho, assim como ser jovem, semelhante a outras condições humanas está diretamente associado à condição social a que pertenço. Ultrapassar a visão fenomenológica do envelhecimento e reconhecer a objetividade nas subjetividades, saber que as significações servem para orientar os comportamentos e práticas individuais e coletivas, e isso constitui uma característica intrínseca das representações sociais. Num país que deposita a esperança de um futuro melhor nos jovens, os idosos estão em franca desvantagem no campo educacional, devido à falta do capital valorizado: a juventude. A velhice assemelha-se diz o senso comum a uma poupança bancária, depositarei ali, ao longo da vida, o que colherei no fim dos meus dias.

**Referências**

ALMEIDA, Angela Maria. SOUSA, Maria de Fátima; TRINDADE, Zeide Araújo (Organizadoras). **Teoria das Representações Sociais:** 50 anos. Brasília: Techonopolitik,2014.

BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

**BRASIL**. ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, Brasília, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **A Distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2008.

BONILLA, Maria Helena. PRETTO. Nelson de Luca. **Inclusão Digital e polêmicas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

**COMPLEXO CULTURAL DA UERN**. Disponível em: http://proex.uern.br/default.asp?item=ccuern-inicio. Acesso em: 13/10/2017.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade.** SP: Cia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. RJ: Jorge Zahar, 2001

FERRIGNO, José Carlos. **Programas intergeracionais no Brasil.** v. 22, n 50, p. 74-91, São Paulo, 2011.

JODELET, Denise. Loucuras e Representações Sociais. Petrópolis: Vozes,  
2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Os contextos do saber: representações,  
comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil**: vivencias, desafios e expectativas na terceira idade. SP: Editora Abramo, Edições SESC, 2007.